

GERAR

O carisma orionita, uma profecia de caridade

Fernando H. Fornerod fdp



Prezados participantes do CIOC,

Bem-vindo!

Cada época coloca novas questões à Pequena Obra: às nossas comunidades, à nossa missão. A pobreza muda, as culturas mudam, as formas de participação mudam, e também mudam as condições em que somos chamados a viver o nosso carisma.

Mas talvez, por trás de muitas das perguntas que nos fazemos hoje, exista uma questão mais profunda:

O carisma orionino ainda conserva sua capacidade de gerar?

Essa questão não significa que o carisma tenha enfraquecido. O carisma é um dom do Espírito. O que pode enfraquecer é a nossa capacidade de sermos surpreendidos por ele, de reconhecê-lo novamente como uma fonte de novidade e de permitir que ele sugira novas formas de presença, serviço e evangelização.

O carisma orionino está sempre em constante tensão: **preservar sua identidade** e, ao mesmo tempo, **se incorporar a novas situações históricas**. Quando prevalece apenas a conservação, a fidelidade corre o risco de se tornar repetição. Defendemos nossas formas, estruturas e maneiras de fazer as coisas porque são o que recebemos, esquecendo que Dom Orione não nos legou simplesmente obras.

Nosso Fundador nos legou **uma perspectiva evangélica**, um coração moldado pela caridade de Cristo e a liberdade apostólica para reconhecer onde o Evangelho ainda era necessário. Nossas obras foram fruto dessa perspectiva, **não o ponto de partida**.

O carisma orionino ainda conserva sua capacidade de gerar?

Nossa conferência está inserida nessa questão.

O CIOC, como todos sabemos, não é um ponto de chegada. É um momento em uma jornada que já iniciamos e que devemos continuar. Há mais de três anos, temos trabalhado por meio dos secretários provinciais, comunidades, obras e diversas entidades de nossa família carismática.

Agora nos reunimos aqui em Montebello della Battaglia para **reconhecer** o que está surgindo, **aprender** uns com os outros e **abraçar** juntos o que dará continuidade à nossa missão.

Por essa razão, gostaria de propor este relatório conjugando cinco verbos:

Reconhecer. Conhecer. Aprender. Interligar. Gerar.

Não se tratam de cinco temas separados. São cinco movimentos de um único processo: o da caridade orionina.

Reconhecer

Antes de gerar algo novo, precisamos aprender a reconhecer o que o Espírito já está fazendo. Portanto, a primeira ação nestes dias não será planejar. A primeira ação é **escutar**.

Escutar o mundo em que vivemos. Ouvir o clamor dos novos pobres. Acolher as pessoas que encontramos em nosso trabalho. Escutar as perguntas que surgem nas comunidades. Escutar até mesmo aquilo que ainda não sabemos nomear.

Dom Orione possuía essa capacidade. Ele não começava perguntando a si mesmo que obras precisavam ser construídas. Ele olhava para a realidade através dos olhos da caridade de Cristo e deixava-se desafiar pelas necessidades de seu tempo.

Por essa razão, a fidelidade ao carisma não pode consistir meramente em preservar o que recebemos. Ela deve se tornar fidelidade criativa: a capacidade de preservar a fonte e, ao mesmo tempo, encontrar novas maneiras para que essa fonte alcance novas pessoas e situações.

Entendemos a fidelidade a Dom Orione ao segui-lo com a mesma paixão por Cristo e pelas pessoas.

Nossa conferência também surge dessa escuta.

Não viemos simplesmente para mostrar o que fazemos. Viemos para reconhecer o que o Espírito está despertando através de tantas experiências diferentes.

E isso requer humildade.

Porque reconhecer também significa aceitar que algo pode nascer em outro lugar, em outra cultura, em outra comunidade, em outro trabalho, e que pode se tornar um presente para todos.

Encontrar

O segundo verbo é encontrar-se.

O CIOC reúne diversas entidades: instituições de caridade educacionais e de assistência social, pessoas de diferentes países e continentes, culturas diversas e experiências diversas. Gostaríamos de ter incluído também instituições de caridade paroquiais nesta experiência. Por vários motivos, isso não foi possível; mas nos comprometemos a fazê-lo na próxima vez.

Assim, as atividades do Pequeno Trabalho não são todas iguais. E não deveriam ser. Nossa riqueza reside também na sua diversidade, na sua ampla presença e na nossa capacidade de responder a diferentes situações culturais. Mas o que nos une como uma só família não é o que fazemos da mesma maneira.

É o espírito com que o fazemos. É caridade papal e popular, vivida segundo o carisma de Dom Orione. É por isso que podemos permanecer unidos, mesmo fazendo coisas diferentes.

Até mesmo as mais de cinco línguas da Conferência podem se tornar um sinal. Elas não são simplesmente uma necessidade organizacional. Elas nos lembram que a caridade fala todas as línguas porque é Cristo quem quer dialogar com cada um de nós.

De fato, as línguas variam, as culturas mudam e as abordagens missionárias diferem. Mas na diversidade podemos reconhecer a mesma fonte e a mesma paixão pelo Evangelho.

O encontro, portanto, significa ir além da mentalidade do “eu sei” e caminhar em direção à mentalidade do “nós podemos aprender”. E quando isso acontece, a diversidade não nos divide. Ela nos enriquece.

Aprender

O terceiro verbo é aprender.

O CIOC oferece workshops, experiências, dinâmicas e oportunidades de desenvolvimento de habilidades. Mas não queremos apenas transmitir conteúdo. Queremos aprender a desempenhar melhor o papel que nosso carisma exige de nós hoje.

Por essa razão, as habilidades que treinaremos não são um mero acréscimo técnico à missão. Elas são **uma ferramenta** por meio da qual a missão pode se tornar mais informada, mais compartilhada e mais eficaz evangelizadamente.

Precisamos de pessoas capazes de discernimento, colaboração, trabalho em contextos interculturais, responsabilidade, construção de comunhão e exercício de uma verdadeira liderança sinodal.

Precisamos de verdadeiros apóstolos da caridade.

Isso se aplica tanto à dimensão educacional quanto à de assistência social. As habilidades podem ser diferentes, mas a origem é a mesma.

O CIOC é uma oportunidade para conhecer pessoas, conectar-se e aprender.

E há um ponto crucial. Se o que aprendemos permanecer como um legado pessoal, seu impacto será limitado. Se, no entanto, o que aprendemos for compartilhado, correlacionado e devolvido à comunidade, então se tornará o patrimônio da família carismática.

É aqui que a compreensão começa a se transformar em uma rede.

Tecelagem

O quarto verbo é, portanto, tessere.

Nosso carisma não nos impulsiona simplesmente a construir uma rede de contatos, **mas sim a tecer relacionamentos**.

Uma rede pode ser muito grande e, ao mesmo tempo, muito frágil. Precisamos de uma rede bem interligada, na qual pessoas, experiências, habilidades, iniciativas, criatividade e recursos possam circular.

A imagem da rede no Evangelho nos ajuda a entender isso. Todos nos lembramos da passagem que João nos apresenta no final do seu Evangelho, quando Pedro lança as redes porque Jesus ressuscitado lhe pede.

A internet não é um fim em si mesma. **É uma ferramenta de missão**. A internet torna-se, assim, também um lugar de circularidade da graça na comunhão e um espaço no qual podemos reconhecer o Senhor, mesmo na intimidade da nossa oração.

Nossa rede internacional também faz sentido se nos permitir alcançar melhor as pessoas, comparti-

lhar o que recebemos e, juntos, encontrar respostas para as novas fronteiras da filantropia.

Uma questão organizacional também entra em jogo aqui. Precisamos desenvolver formas organizacionais que não sejam simplesmente piramidais, mas que possam funcionar como uma redarquia : uma rede na qual a função de autoridade continue a ter seu lugar, dinamizando e garantindo novas relações, competências, corresponsabilidade e colaboração.

A liderança para a qual somos chamados, portanto, também envolve a capacidade de facilitar, conectar, ouvir, discernir e permitir que as habilidades circulem.

Uma rede como esta não se constrói apenas com estruturas. Ela precisa abraçar o espírito familiar, uma característica essencial do Pequeno Trabalho.

Porque sem esse espírito, a rede pode simplesmente se tornar uma organização. Com esse espírito, ela pode se tornar comunhão.

Gerar

Assim, chegamos ao quinto verbo: gerar.

Gerar não significa simplesmente produzir algo novo. Significa permitir que o que recebemos dê frutos no presente. A fonte última dessa frutificação é o Espírito Santo.

O carisma que Luigi Orione nos transmitiu não é nosso. É um dom que recebemos e somos chamados a estar prontos para reconhecê-lo, acolhê-lo, discernir o que ele gera e colaborar com a sua ação.

Portanto, a questão não é simplesmente: “O que devemos fazer?”, mas sim: “Para o que o Espírito está nos chamando hoje?”

O Apostolado da Caridade, que Dom Orione identificou como o estilo de nossa vida apostólica, não coincide com uma atividade específica. **É um modo de viver nossa relação com Cristo, nossa fraternidade e nossa missão** . Quando o carisma é vivenciado como fonte, pode gerar novas formas.

Pode gerar novas presenças, novas colaborações, novas linguagens, novas respostas à pobreza que encontramos.

E então também compreendemos o profundo significado do CIOC.

O resultado da conferência não será apenas o que ouvirmos ou aprendermos durante estes dias. Será visto, sobretudo, depois.

Isso se refletirá nas **habilidades** que traremos para nossos negócios. Nos **relacionamentos** que continuaremos a cultivar. Nas **colaborações** que surgirão. Mas, acima de tudo, nas **decisões** que formos capazes de tomar juntos, nas **prioridades** que reconhecermos e nos comprometemos que assumirmos para prosseguir em nossa jornada.

Uma rede internacional não nasce simplesmente de um encontro. **Ela nasce quando o encontro se transforma em relacionamento** . O relacionamento se transforma em colaboração. A colaboração se transforma em decisão. E a decisão se transforma em missão.

É por isso que o CIOC não deve apenas nos deixar com novas ideias. Ele deve nos ajudar a sermos proativos na geração delas.

Uma instituição de caridade capaz de gerar o futuro

Podemos então retornar à pergunta inicial:

O que mais o carisma de Orionina pode gerar?

Ela pode gerar pessoas capazes de se deixarem habitar pela caridade de Cristo, comunidades capazes de vivenciar a fraternidade como forma de missão e uma família carismática capaz de viver sua unidade na diversidade de culturas. Ela pode gerar uma rede na qual o que recebemos possa ser compartilhado e colocado a serviço das novas fronteiras da caridade.

Mas essa frutificação não dependerá do CIOC como evento. O Congresso será frutífero se o que vivenciamos aqui continuar a perdurar em nossas comunidades, em nosso trabalho e nos relacionamentos que começamos a construir.

Uma rede internacional torna-se verdadeiramente missionária quando os encontros geram relacionamentos, os relacionamentos geram corresponsabilidade e a corresponsabilidade se traduz em escolhas concretas a serviço dos mais pobres .

O CIOC, então, pode se tornar um limiar: um momento em que a Pequena Obra reconhece o que o Espírito está fazendo, fortalece o que já existe e se prepara para explorar caminhos que ainda não explorou; caminhos que precisam ser abertos...

A conferência terminará. O julgamento continuará.

E a nossa responsabilidade será a de guardar a fonte, escutar o que nasce e dar forma, juntos, àquilo que a caridade de Cristo nos pede hoje.

O carisma recebido de São Luís Orione não é apenas uma história a ser preservada. É uma vida a ser entregue para criar uma nova história.